

Temas Livres:

Revista Fios de Letras
ISSN: 2966-0130
v. 2, n. 05, e052504, jul-dez, 2025

Informações sobre os autores:

1 Graduação em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos(2024). Atualmente é Professora da Prefeitura Municipal de Parobé.

2 Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (2009), Especialista em Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (2005) e Licenciado em Letras pela mesma Universidade (2003). Atualmente é Professor e Coordenador do Curso de Letras da Universidade La Salle, Professor da Universidade do Vale dos Sinos, do Colégio Leonardo da Vinci - Gama e do Colégio Leonardo da Vinci - Beta.

Fluxo editorial:

Recebido: 08/08/2025

Aceito: 07/11/2025

Publicado: 11/12/2025



This work is licensed under a Creative Commons
Attribution 4.0 International License.

Plagius

Verificador de Plágio

Vozes Femininas Negras na Literatura Contemporânea: Resistência e Representatividade em Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie

Black Women's Voices in Contemporary Literature: Resistance and Representation in Conceição Evaristo and Chimamanda Ngozi Adichie

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v2i05.4646

Catia Andreia Vargas Ribeiro ¹



Universidade do Vale do Rio dos Sinos



catiaandreiaribeiro@gmail.com



Eduardo Pereira Machado ²



Universidade La Salle



eduardo.machado.letras@gmail.com



Resumo: Este artigo analisa a expansão da literatura feminista no século XXI, a partir das obras “Olhos D’água” (2014), de Conceição Evaristo, e “Americanah” (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie. Ambas as escritoras representam vozes significativas na literatura contemporânea, abordando questões de gênero, raça, classe social e identidade cultural em suas narrativas. Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira, oferece uma visão profunda das experiências das mulheres negras no Brasil, desafiando estereótipos e explorando as interseccionalidades de opressão que moldam suas vidas. Por outro lado, Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, aborda temas similares em um contexto africano, destacando as lutas das mulheres africanas por autonomia e igualdade. As autoras possuem uma habilidade única de articular questões complexas de forma acessível, alcançando um público amplo e influenciando debates sobre feminismo e justiça social. Este estudo oferece uma análise comparativa das obras de Evaristo e Adichie, destacando tanto as especificidades das experiências femininas em diferentes contextos culturais quanto as semelhanças subjacentes que unem as lutas das mulheres em todo o mundo. Através de uma análise das obras dessas duas escritoras, o artigo mostra como a literatura feminista tem se fortalecido e ganhado espaço nos últimos anos, contribuindo para a construção de um discurso mais inclusivo e igualitário.

Palavras-chave: Literatura feminista. Conceição Evaristo. Chimamanda Ngozi Adichie. Mulheres negras. Interseccionalidade.

Abstract: This article examines the expansion of feminist literature in the 21st century through the works “Olhos D’água” (2014) by Conceição Evaristo and “Americanah” (2013) by Chimamanda Ngozi Adichie. Both authors represent significant voices in contemporary literature, addressing issues of gender, race, social class, and cultural identity in their narratives. Conceição Evaristo, an Afro-Brazilian writer, offers a profound insight into the experiences of Black women in Brazil, challenging stereotypes and exploring the intersectional oppressions that shape their lives. On the other hand, Chimamanda Ngozi Adichie, a Nigerian writer, approaches similar themes within an African context, highlighting the struggles of African women for autonomy and equality. Both authors possess a unique ability to articulate complex issues in an accessible way, reaching a wide audience and influencing debates on feminism and social justice. This study presents a comparative analysis of Evaristo’s and Adichie’s works, emphasizing both the specificities of women’s experiences in different cultural contexts and the underlying similarities that unite women’s struggles worldwide. Through the analysis of these two writers’ works, the article demonstrates how feminist literature has strengthened and gained visibility in recent years, contributing to the construction of a more inclusive and egalitarian discourse.

Key-words: Feminist literature, Conceição Evaristo, Chimamanda Ngozi Adichie, Black women Intersectionality

Considerações Iniciais

A literatura feminista tem desempenhado um papel fundamental na construção e valorização das vozes femininas, especialmente aquelas que historicamente foram silenciadas. Nos últimos anos, autoras como Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie têm emergido como importantes figuras nesse movimento, trazendo à tona experiências e narrativas que abordam as complexas intersecções de raça, gênero e classe. Enquanto Evaristo, uma autora afro-brasileira, explora as nuances da vivência negra no Brasil, Adichie, escritora nigeriana, aprofunda questões de identidade e pertencimento no contexto da diáspora africana. Suas obras transcendem fronteiras culturais, oferecendo reflexões profundas sobre a opressão e a resiliência das mulheres negras, cada uma em seu contexto sociocultural.

Embora a presença das mulheres na literatura brasileira tenha aumentado significativamente ao longo dos anos, ainda há desafios a serem enfrentados. No século XXI, as mulheres continuam lutando contra a desigualdade de gênero no mundo literário, enfrentando obstáculos como a falta de reconhecimento, o sexismo e a discriminação. As obras “Olhos D’água” (2014), de Conceição Evaristo, e “Americanah” (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, vêm se destacando como exemplos proeminentes dessa expansão da literatura feminista, oferecendo narrativas poderosas que desafiam normas sociais e exploram questões complexas de gênero, raça, classe social e identidade cultural.

Este estudo busca analisar como a literatura de Evaristo e Adichie contribui para a expansão da literatura feminista no século XXI, promovendo diálogos sobre igualdade, justiça social e a representatividade de mulheres negras. A análise compara as abordagens das autoras em relação a temas centrais como ancestralidade, resistência e empoderamento, destacando suas similaridades e especificidades. Ao investigar essas conexões, espera-se evidenciar a importância da literatura feminista como uma ferramenta de transformação social e cultural.

1. A evolução da literatura feminista: das primeiras vozes ao século XXI

A literatura feminista tem suas raízes profundamente entrelaçadas com os movimentos sociais que buscaram promover os direitos e a igualdade das mulheres ao longo da história. Embora haja exemplos de escritos feministas em diferentes épocas e culturas, a literatura feminista como a conhecemos hoje começou a ganhar destaque no século XIX, durante o movimento sufragista e o surgimento do feminismo como movimento político e social, as primeiras feministas basicamente mulheres brancas, de classe média, com acesso à educação exigiam direito a voto, acesso igualitário à educação e direitos iguais ao casamento.

Dentre essas pioneiras, destacam-se Mary Wollstonecraft e Charlotte Perkins Gilman. Wollstonecraft, autora de “A Vindication of the Rights of Woman” (1792), dizia “Eu não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens; mas sobre si mesmas” (p. 88), e Charlotte Perkins Gilman, autora de *The Yellow Wallpaper* (1892,) afirmava que “A escrita é uma grande alegria e alívio para minha mente” (p. 64), foram pioneiras na escrita feminista, abordando questões como educação, direitos civis e saúde mental das mulheres.

Já no século XX, a literatura feminista se expandiu e ganhou novas dimensões, com autoras de diversas partes do mundo contribuindo para a discussão. No início do século, a escritora Virginia Woolf publicou “Um teto todo seu” (1929), um ensaio de caráter científico-literário em que discute, em particular, as questões da escrita produzida por mulheres. Esta obra destaca as demandas relacionadas à produção literária feminina, como a estabilidade financeira para dar vazão à criatividade, o acesso à educação e a necessidade de um espaço próprio para a liberdade criativa. Inseridas em um contexto patriarcal e desprovidas de recursos financeiros, as mulheres careciam de meios viáveis para exercer a escrita profissional. Na Inglaterra, até meados do século XIX, uma mulher não poderia ser a dona de seu próprio dinheiro. Diante dessa observação, Virginia Woolf, com astúcia clara, argumenta:

Porque é um enigma perene a razão pela qual nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece, é capaz de uma canção ou um soneto. Quais eram as condições em que as mulheres viviam? perguntei a mim mesma; a ficção, quer dizer, o trabalho imaginativo, não cai como uma pedra no chão, como na ciência; ficção é como

uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos. (Wolf, 2014, p. 63- 64).

Essa reflexão de Virginia Woolf ressoa com a questão persistente sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres na literatura. Ela desafia a suposição de que apenas homens têm sido capazes de criar grandes obras literárias, destacando as condições sociais e culturais que historicamente limitaram a expressão criativa das mulheres. A analogia da ficção como uma teia de aranha, delicada e facilmente desfeita, ilustra vividamente as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para afirmarem sua voz e seu talento no mundo literário.

Foi somente na década de 1980 que emergiu o feminismo negro, também conhecido como mulherismo, introduzindo a ideia de interseccionalidade - um reconhecimento das múltiplas barreiras enfrentadas pelas mulheres negras que o feminismo dominado por mulheres brancas de classe média havia deixado de abordar. Este conceito, apresentado por Kimberlé Crenshaw em 1989, ressoou não apenas nos Estados Unidos, mas também em países ao redor do mundo que já haviam sido colônias. O conceito apresentado por Crenshaw é o da interseccionalidade, que é uma abordagem teórica e prática que reconhece como diferentes formas de opressão, como racismo, sexismo, classe social, orientação sexual, entre outros, se interseccionam e se sobrepõem, criando experiências únicas de discriminação e desvantagem para indivíduos ou grupos que pertencem a múltiplas categorias de marginalização. Essa abordagem visava entender e abordar a complexidade das identidades e das experiências sociais, promovendo uma luta mais inclusiva e eficaz contra todas as formas de discriminação, conhecida por seu trabalho seminal sobre interseccionalidade. Diante dessa informação, Kimberlé Crenshaw, em “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics” (1989), com sagaz lucidez, argumenta:

In cases of racial discrimination, especially as they progressed through federal courts, the courts generally considered race only in relation to Black men. In cases of sex discrimination, the courts generally considered sex only in relation to White women. By failing to consider how the intersection of race and gender affected Black women, the courts generally failed to appreciate the dual discrimination or the compounded privilege that often shape the experiences of Black women.” (Crenshaw, 1989).

Essa passagem de Kimberlé Crenshaw destaca como os tribunais frequentemente falhavam em reconhecer como a interseção de raça e gênero afetava as mulheres negras, resultando em uma falta de compreensão das formas únicas de discriminação e privilégio que caracterizam a experiência das mulheres negras.

Durante as décadas seguintes, o feminismo se diversificou em diferentes correntes, como o feminismo negro, o feminismo lésbico e o feminismo pós estruturalista, cada um

trazendo novas perspectivas e vozes para o movimento. Autoras como Audre Lorde, Angela Davis, Bell hooks, Adrienne Rich e muitas outras contribuíram significativamente para a literatura feminista, abordando questões de raça, classe, sexualidade e interseccionalidade.

No século XXI, a literatura feminista continua a evoluir, com autoras contemporâneas como Chimamanda Ngozi Adichie, Roxane Gay, Elena Ferrante, Margaret Atwood, Conceição Evaristo e muitas outras dando voz a uma variedade de experiências femininas e promovendo a igualdade de gênero por meio de suas obras. Ao longo da história, a literatura feminista tem sido uma ferramenta poderosa para desafiar as normas sociais, promover a conscientização e inspirar a mudança social.

2. Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie: vozes que transcendem fronteiras socioculturais

Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie são duas autoras contemporâneas que emergiram em contextos socioculturais distintos, mas compartilham de preocupações e temáticas similares em suas obras.

Conceição Evaristo, escritora brasileira nascida em 1946 em uma favela de Belo Horizonte, Minas Gerais, imaginou desde cedo as adversidades impostas pelo racismo e pela exclusão social. Sua obra é uma reflexão poderosa sobre as vivências da mulher negra no Brasil, tratando de temas como ancestralidade, discriminação racial e de gênero. Evaristo destaca as vozes marginalizadas da sociedade brasileira, dando visibilidade e protagonismo às mulheres negras.

Sua contribuição à literatura brasileira contemporânea é essencial para a representação das vozes negras. Em obras como “Olhos D’Água” e “Becos da Memória”, Evaristo explora as interseccionalidades de gênero, raça e classe social, oferecendo um olhar profundo sobre as experiências das mulheres negras no país. Conhecida por sua linguagem poética e sensível, a autora aborda questões sociais urgentes de maneira impactante, consolidando-se como uma das principais vozes da literatura brasileira.

Seu trabalho não apenas contribui para a ampliação do espaço literário dedicado às vozes marginalizadas, mas também promove um debate essencial sobre desigualdade, discriminação e resistência. Evaristo traz à tona histórias que muitas vezes permanecem invisibilizadas, reafirmando o papel da literatura como ferramenta de empoderamento e transformação social. Assim, seu legado transcende as páginas de seus livros, refletindo uma luta contínua por justiça, dignidade e representatividade.

Por outro lado, Chimamanda Ngozi Adichie, nascida na Nigéria, cresceu em um país profundamente marcado por conflitos políticos e étnicos. Sua obra retrata com profundidade as complexidades da sociedade nigeriana, explorando temas como colonização, pós-

colonialismo, identidade africana, feminismos africanos e diáspora. Reconhecida por sua escrita envolvente e perspicaz, Adichie ilumina as experiências das mulheres africanas e sua luta por autonomia, igualdade e justiça social. Nascida em 1977, Chimamanda é uma escritora renomada cujas obras ganharam destaque internacional, abordando questões de identidade, gênero, colonialismo e cultura africana.

Suas obras retratam uma ampla gama de temas que abordam questões profundas e complexas relacionadas à identidade, raça, classe social e gênero, especialmente no contexto das mulheres negras. Entre as principais obras de Chimamanda Ngozi Adichie, destacam-se “Meio Sol Amarelo” (2006), que é ambientado durante a Guerra Civil da Nigéria e acompanha as vidas entrelaçadas de várias pessoas que lutam por justiça e sobrevivência em meio aos horrores da guerra e “Americanah” (2013), que explora questões de raça, identidade e pertencimento através da história de Ifemelu, uma jovem nigeriana que se muda para os Estados Unidos em busca de oportunidades educacionais e enfrenta desafios relacionados ao racismo e à assimilação cultural.

Por outro lado, as obras de Conceição Evaristo, como “Ponciá Vicêncio” (2003), retratam a vida de Ponciá, uma mulher negra que enfrenta diversas adversidades ao longo de sua vida, refletindo as experiências de opressão e resistência das mulheres negras no Brasil. “Becos da Memória” (2006) é uma coletânea de contos que exploram as memórias e vivências das mulheres negras nas periferias urbanas brasileiras, destacando questões de identidade, racismo e ancestralidade. “Olhos D’Água” (2014) aborda temas como violência doméstica, racismo, pobreza e exclusão social, oferecendo uma visão profunda das experiências das mulheres negras no Brasil contemporâneo.

Tanto Evaristo quanto Adichie são conhecidas por suas narrativas envolventes, personagens complexos e temas que provocam reflexão sobre as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. Suas obras contribuem significativamente para o debate sobre identidade, poder e justiça social, especialmente no que diz respeito às experiências das mulheres negras. Em uma análise comparativa das contribuições feministas nas escritas de Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie, revela-se nuances distintas e complementares no tratamento das questões de gênero, raça, classe social e identidade cultural. Ambas as autoras oferecem perspectivas profundas e críticas sobre a condição das mulheres em diferentes contextos socioculturais, destacando-se por suas narrativas envolventes e empoderadoras.

3. A literatura feminina e a desconstrução de estereótipos: Evaristo e Adichie

Evaristo, em “Olhos d’Água”, aborda a identidade feminina com uma profundidade e sensibilidade únicas. Através de uma coleção de contos, Evaristo explora as vivências das mulheres negras, enfocando temas como a luta por autonomia, a resistência diante

das adversidades e a busca por dignidade. Frequentemente explorando as experiências das mulheres negras brasileiras, ela desafia estereótipos e oferece uma visão autêntica das complexidades de suas vidas. No trecho a seguir, Evaristo entrelaça as histórias de vida de diferentes gerações de mulheres, ilustrando como a identidade feminina é formada através das gerações.

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum (Evaristo, 2014, p. 11).

A narradora relembra as histórias de infância de sua mãe, misturando-as com suas próprias lembranças. Este entrelaçamento de memórias reflete como a identidade feminina é formada através das gerações, destacando a continuidade e a conexão entre as experiências das mulheres de uma mesma família. As histórias de sua mãe, que nasceu em um lugar remoto no interior de Minas Gerais, trazem à tona as tradições e costumes que moldam a vida das meninas e mulheres, como o momento em que ganhavam roupas quando começavam a desenvolver seios. Este trecho demonstra como Conceição Evaristo utiliza a memória e a experiência cotidiana para explorar e construir a identidade feminina, destacando a importância das relações interpessoais e da herança cultural na formação das mulheres.

3.1 Desafios emocionais e sociais

No desenvolvimento da narrativa de “Olhos d’água”, Conceição Evaristo explora as nuances da experiência emocional de suas personagens, destacando a complexidade de suas vidas e as dificuldades que enfrentam na sociedade. Através de uma prosa poética e rica em simbolismos, a autora capta os sentimentos de dor, esperança e resistência presentes na trajetória de mulheres negras.

No princípio a aprendizagem lhe custara muito. Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos, Salinda perdeu o chão. Habituada ao amor que pede e permite testemunhas, inclusive nas horas do desamor, viver silente tamanha emoção, era como deglutir a própria boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas. E por que não gritar, não pichar pelos muros, não expor em outdoor a grandeza do sentimento? Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar, somente. Salinda tentou guardar em si as lembranças e retomar a rotina. Era preciso viver a calma e o desespero como se nada estivesse acontecendo. Havia quase um ano que a felicidade lhe era servida em conta-gotas. Pequenas gotículas que guardavam a força e a aparência de reservatórios infindos, de represas de felicidade inteira. (Evaristo, 2014, p. 42-43)

Evaristo, ao delinear a jornada emocional de Salinda, oferece-nos uma visão profunda da resiliência feminina diante das adversidades e das expectativas sociais. A dificuldade de Salinda em aceitar um amor mais reservado e o contraste entre seu desejo de exibir suas emoções e a necessidade de contenção reflete a flexibilidade entre o desejo pessoal e as normas sociais que moldam a experiência das mulheres negras. Assim, a autora não apenas narra uma história individual de amor e autodescoberta, mas também se destaca como lutas universais e como complexidades das relações humanas, mostrando como os personagens navegam entre a opressão e a autonomia em sua busca por convivência e felicidade. No mesmo contexto de desconstrução, Chimamanda Ngozi Adichie, apresenta personagens femininas, fortes e multifacetadas que desafiam normas sociais e expectativas culturais. Através de narrativas ricas e envolventes, Adichie amplia a compreensão das interseções de gênero, raça e identidade, complementando a abordagem de Evaristo na formação da identidade feminina e na resistência a preconceitos. Uma visão penetrante das complexas realidades enfrentadas pelas mulheres africanas na diáspora. Em seu aclamado romance “Americanah”, Adichie apresenta personagens femininas fortes e multifacetadas que desafiam normas sociais e expectativas culturais. Através dessas narrativas envolventes, ela expande nossa compreensão das interseções de gênero, raça e identidade, complementando assim a abordagem de Conceição Evaristo sobre a formação da identidade feminina através da memória e da herança cultural. Um trecho, particularmente revelador mostra Ifemelu refletindo sobre sua relação com o cabelo e como as expectativas culturais moldam sua percepção de si mesma:

Ifemelu tinha crescido à sombra do cabelo de sua mãe. Era preto retinto, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão, tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosa, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração. Seu pai dizia que era uma coroa de glória. “É seu cabelo de verdade?”, perguntavam estranhos, esticando o braço para tocá-lo com reverência. Outros indagavam “Você é jamaicana?” como se apenas o sangue estrangeiro pudesse explicar cabelos tão abundantes que não rareavam nas têmporas. Durante toda a infância, Ifemelu muitas vezes olhava no espelho e puxava seu cabelo, esticava os cachinhos, desejando que ficasse como o da mãe; mas ele permaneceu crespo e crescia com relutância; as cabeleireiras que o trançavam diziam que os fios cortavam que nem faca (Adichie, 2013, p. 51).

Essa passagem não apenas ilumina a jornada pessoal de Ifemelu em direção à aceitação, mas também simboliza a resistência contra padrões de beleza eurocêntricos e a afirmação da identidade africana. A luta de Ifemelu para aceitar seu cabelo natural é emblemática das lutas mais amplas das mulheres africanas por autonomia e igualdade, desafiando as expectativas culturais que frequentemente tentam moldar suas identidades.

Em outra passagem de “Americanah”, Adichie explora de maneira profunda e multifacetada a vida e os desafios enfrentados por Ifemelu, a protagonista. Em contraste

com a imagem pública que ela projeta, suas reflexões em seu blog oferecem um espaço onde se sente livre para expressar suas opiniões sem filtros. Nesse ambiente, Ifemelu desafia abertamente as narrativas dominantes e confronta as desconexões entre as declarações institucionais e a realidade vivida. A tensão entre o discurso adaptado e a crítica honesta é ilustrada na seguinte citação.

Durante suas palestras, Ifemelu dizia: “Os Estados Unidos já progrediram muito e devemos nos orgulhar disso”. Em seu blog, escrevia: O racismo nunca devia ter acontecido, então você não ganha um doce por ele ter diminuído. (Adichie, 2013, p. 370).

Ifemelu vivia uma dualidade entre o que expressava em suas palestras e o que compartilhava em seu blog. Durante as apresentações públicas, ela adaptou seu discurso às expectativas da audiência, dizendo: “Os Estados Unidos já progrediram muito e devemos nos orgulhar disso”. Contudo, no blog, seu espaço de voz autêntico e crítico, ela abordou a questão racial com mais profundidade, afirmando: “O racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um doce por ele ter diminuído” (Adichie, 2013, p. 370). Essa diferença reflete como as narrativas sobre raça são moldadas por contextos sociais e a necessidade de consolar os ouvintes, em detrimento de uma análise mais honesta e incisiva sobre a realidade. Tanto Evaristo quanto Adichie utilizam suas obras para explorar as complexidades da identidade feminina, abordando questões de raça, cultura e herança. Evaristo, ao entrelaçar memórias e gerações de mulheres negras brasileiras, ressalta a importância da memória e das relações interpessoais na formação da identidade feminina. Já Adichie, através de suas personagens na diáspora, examina as tensões entre normas culturais e a luta pela auto aceitação, especialmente em relação à aparência física e à racialização. Ambas as autoras oferecem perspectivas profundas sobre as lutas e resistências das mulheres negras, desafiando estereótipos e destacando a busca por autonomia e dignidade. Além disso, ao aprofundarmos o estudo das obras, observa-se que a interseccionalidade é um conceito central nas narrativas de Evaristo e Adichie, permitindo uma abordagem multifacetada das opressões. Em “Olhos d’Água”, Evaristo ilustra, por meio de suas personagens, como o racismo e o sexismo interagem para moldar as vivências das mulheres negras no Brasil. Episódios de discriminação explícita e violência revelam as sobreposições de preconceitos, demonstrando como esses fatores intensificam a exclusão social. A interseccionalidade é um conceito crucial na análise das opressões que se sobrepõem e interagem de maneiras complexas e multifacetadas. Um exemplo poderoso dessa abordagem pode ser visto no trecho a seguir, onde a protagonista enfrenta uma série de agressões verbais e físicas no transporte público.

Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascarando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...” (Evaristo, 2014, p. 32).

Evaristo ilustra de forma visceral as várias camadas de preconceito e violência que podem se manifestar simultaneamente contra uma mulher negra. Maria, a protagonista, é acusada injustamente e sofre agressões baseadas tanto em sua raça quanto em seu gênero.

A interseccionalidade é evidenciada pela forma como o racismo e o sexismo se combinam, intensificando a hostilidade e a violência dirigidas a ela. A personagem Maria não apenas enfrenta suspeitas infundadas e insultos racistas, mas também é desumanizada e atacada fisicamente. A reação da multidão, que rapidamente escalo para um linchamento, reflete como as mulheres negras são frequentemente posicionadas em situações de extrema vulnerabilidade e são julgadas mais severamente devido a estereótipos raciais e de gênero. Este episódio serve como uma poderosa ilustração da necessidade de reconhecer e abordar a interseccionalidade na luta por justiça social, demonstrando como as experiências das mulheres negras não podem ser compreendidas plenamente sem considerar as múltiplas formas de opressão que enfrentam. Além do racismo e do sexismo, a escrita de Conceição Evaristo em “Olhos d’Água” reflete com profundidade as complexidades da experiência feminina negra, especialmente em relação ao corpo, à sexualidade e às normas sociais que moldam essas vivências. Ao desafiar as expectativas tradicionais sobre o amor e o desejo, Evaristo oferece uma visão poderosa da multiplicidade de identidades que suas personagens carregam, explorando a interseção entre gênero, raça e orientação sexual. Em um dos trechos mais marcantes, a autora questiona os limites impostos pela sociedade heteronormativa, revelando as nuances do amor entre mulheres e a maneira como esse amor rompe com as convenções estabelecidas.

E quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra. O amor se guarda só na ponta de um falo ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra? (Evaristo, 2014, p. 51).

Essa passagem sublinha como o amor e o desejo entre mulheres podem transcender as normas tradicionais e explorar novas dimensões da identidade. Ao destacar a experiência de

Luamanda com outra mulher, Evaristo não apenas desafia as expectativas heteronormativas, mas também celebra a autenticidade e a profundidade das relações amorosas entre mulheres. A descrição das interações e da conexão emocional revela como o amor pode ser uma força transformadora que desafia e redefine padrões sociais, oferecendo uma visão enriquecedora e inclusiva da experiência feminina. Dessa forma, Evaristo contribui para uma compreensão mais ampla e diversificada do amor e da identidade, mostrando que essas experiências são tão multifacetadas quanto as mulheres que as vivem.

Em “Americanah”, Chimamanda Ngozi Adichie oferece uma análise profunda das pressões sociais sobre mulheres negras na diáspora, especialmente nos Estados Unidos. Através de personagens multifacetadas e narrativas ricas, Adichie expõe como a raça e o gênero podem influenciar as expectativas sociais, a autoimagem e as interações cotidianas. Um trecho particularmente revelador do livro aborda as nuances da interseccionalidade, ilustrando as pressões únicas enfrentadas pelas mulheres negras nos Estados Unidos e como essas pressões moldam suas vidas de maneiras profundas e muitas vezes dolorosas.

A escritora aborda de maneira crítica a expectativa social de que as mulheres negras nos Estados Unidos devem ser vistas como “fortes”. Essa noção de força, embora muitas vezes celebrada, pode ser limitante e opressiva, pois ignora a humanidade completa das mulheres negras, incluindo suas vulnerabilidades e emoções. Adichie revela como essa expectativa impõe uma máscara de resiliência constante, impedindo que essas mulheres expressem suas verdadeiras experiências e sentimentos. Ao explorar as dinâmicas de relacionamentos e as escolhas de parceiros, é essencial considerar como fatores raciais e étnicos influenciam essas decisões e suas implicações emocionais. O parágrafo a seguir oferece uma reflexão crítica sobre as preferências raciais em contextos de namoro e como essas escolhas podem revelar e reforçar estereótipos e preconceitos. Ao discutir a forma como homens de diferentes etnias selecionam parceiras e a forma como isso pode afetar a percepção de valor e amor, a citação ilustra a complexidade das interseccionalidades raciais e de gênero nas relações afetivas. Essa análise ajuda a entender como as experiências pessoais são moldadas por essas interações e como o verdadeiro amor pode transcender tais categorias preconceituosas.

E vi vários perfis. Mas sabe a hora em que você escolhe em qual etnia está interessado? Os homens brancos escolhem mulheres brancas e os mais corajosos escolhem asiáticas e hispânicas. Os homens hispânicos escolhem brancas e hispânicas. Os homens negros são os únicos que provavelmente vão escolher “todas”, mas alguns nem escolhem as mulheres negras. Escolhem brancas, asiáticas e hispânicas. Não fez com que eu me sentisse muito amada. Mas o que o amor tem a ver com essas escolhas? Você pode entrar no supermercado, encontrar alguém por acaso e se apaixonar, e essa pessoa não ser um membro da raça que você escolheria on-line (Adichie, 2013, p. 272).

A autora também aponta para o duplo padrão em que as mulheres negras de personalidade forte são vistas como ameaçadoras. Isso força muitas a moderarem suas palavras e ações, resultando em uma autocensura que sufoca sua autenticidade e liberdade de expressão. Esse comentário é um lembrete poderoso das complexas dinâmicas de poder que operam na interseção de raça e gênero, e da necessidade urgente de reconhecer e desafiar esses estereótipos limitantes para permitir que as mulheres negras vivam suas vidas de forma plena e autêntica.

Ademais, a exploração da interseccionalidade na literatura revela como raça, gênero, sexualidade e outras formas de identidade se entrelaçam para moldar as experiências humanas de maneira profunda e multifacetada. As autoras nos oferecem narrativas poderosas que expõem as diversas opressões enfrentadas pelas mulheres negras, ao mesmo tempo que celebram suas resistências e subjetividades. Ao iluminar as vivências individuais e coletivas de suas personagens, essas obras não apenas desafiam estereótipos, mas também ampliam o entendimento das lutas sociais contemporâneas, convidando à reflexão sobre as maneiras de construir uma sociedade mais justa e inclusiva. A literatura, nesse sentido, continua a ser uma ferramenta indispensável para questionar, confrontar e dismantelar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades interseccionais.

4. Narrativas de empoderamento: o papel da literatura no empoderamento feminino e negro

Para abordar o tema das narrativas de empoderamento atualmente, é essencial considerar como a literatura contemporânea tem explorado a complexidade das identidades femininas e negras. Obras como “Olhos d’Água” e “Americanah”, oferecem representações poderosas que vão além dos estereótipos, proporcionando visibilidade e voz a personagens historicamente marginalizadas. Essas narrativas não apenas exploram as desigualdades de gênero e raça, mas também celebram a resiliência e a autonomia das mulheres negras. Ao utilizar trechos dessas obras, podemos entender como as autoras promovem o empoderamento ao questionar as normas sociais e ao enfrentar diretamente as opressões. Analisando as citações desses livros, é possível refletir sobre a importância de tais narrativas para inspirar a conscientização e a mudança social, mostrando que a literatura é um instrumento vital para a transformação e a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Em “Olhos d’Água”, Conceição Evaristo frequentemente explora temas de resistência, resiliência e empoderamento através das histórias de mulheres que, apesar das adversidades, escolhem viver suas vidas com dignidade e coragem. “Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver” (Evaristo, 2014, p. 19). Essa passagem reflete uma atitude de coragem e determinação em face dos desafios

da vida. Ela transmite a ideia de que viver plenamente, apesar dos riscos e dificuldades, é um ato de resistência e afirmação da própria existência, algo que é fundamental para o empoderamento feminino, especialmente no contexto das mulheres negras que enfrentam múltiplas formas de opressão.

Nessa passagem, Evaristo nos leva a refletir sobre o empoderamento geracional, em que os legados de resistência são passados de avó para neta. A personagem Querença, ao evocar a sabedoria de sua avó Duzu, encontra forças para seguir em frente, honrando a ancestralidade que a forma e fortalece sua identidade. O voo simbólico, representando a liberdade e a continuidade dos sonhos, revela como o empoderamento é alimentado pela memória, pela herança cultural e pelo afeto, permitindo que as novas gerações carreguem as histórias de luta e sobrevivência de seus antepassados.

Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja. E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem. (Evaristo, 2014, p. 29).

Esse fragmento destaca o poder transformador da ancestralidade e da memória como fontes de força. Querença, ao lembrar os ensinamentos de sua avó, encontra nos laços familiares uma energia que transcende o tempo e o espaço. O voo que herda simboliza mais do que resistência: é a continuidade dos sonhos em meio à adversidade. Ao valorizar suas raízes, Querença reforça sua identidade, mostrando que o empoderamento vai além do individual, sendo moldado pelas conexões com sua história e os que vieram antes. Assim, o legado da avó torna-se um guia para que os sonhos da neta floresçam, revelando o poder da transmissão geracional na busca por liberdade e dignidade.

Por outro lado, em “Americanah”, Adichie aborda questões de representatividade e inclusão nas mídias, destacando a falta de representatividade de mulheres negras. A personagem enfatiza que os padrões de beleza predominantes ignoram completamente as necessidades e características únicas das mulheres negras, como a cor da pele, o tipo de cabelo e as cores de maquiagem que lhes convêm.

Ou seja, três mulheres negras em cerca de duas mil páginas de revistas femininas, e todas são mestiças ou racialmente ambíguas, de modo que também poderiam ser italianas, porto-riquenhas ou sei lá. Nenhuma tem a pele escura. Nenhuma se parece comigo, então eu não posso pegar dicas de maquiagem nestas revistas. Olhe, este artigo diz que você deve beliscar as bochechas para ficar corada, porque

supõe que todas as leitoras da revista têm uma pele que fica corada desse jeito. Este aqui fala em produtos para o cabelo de todas — e ‘todas’ significa louras, morenas e ruivas. Eu não sou nada disso. E este fala dos melhores condicionadores — para cabelo liso, cacheado e encaracolado. Não crespo. Está vendo o que eles chamam de cabelo encaracolado? Meu cabelo nunca fica assim. Este aqui fala de combinar a cor de seus olhos com a cor da sombra — olhos azuis, verdes e castanho-esverdeados. Mas meus olhos são negros, então eu não sei que sombras funcionam para mim. Este diz que este batom rosa é universal, mas eles querem dizer universal se você for branca, porque eu ia parecer uma palhaça se tentasse usar esse tom. Ah, veja, aqui temos algum progresso. Um anúncio de base para o rosto. Tem sete tons diferentes para pele branca e um tom genérico de chocolate, mas isso já é um progresso. Agora vamos conversar sobre racialmente tendencioso. (Adichie, 2013, p. 356)

Ao criticar a ausência de diversidade, essa passagem reflete a importância do empoderamento feminino ao desafiar e expor a marginalização de mulheres negras em contextos que deveriam ser inclusivos e representativos de todas as mulheres. Essa crítica é um ato de resistência e um chamado à inclusão, sublinhando a necessidade de uma representação mais diversificada e autêntica nos meios de comunicação, para que todas as mulheres possam se ver refletidas e valorizadas. Esse excerto de “Americanah” reflete o impacto da racialização sobre a protagonista Ifemelu ao se mudar para os Estados Unidos. Ao deixar a Nigéria, onde sua cor de pele nunca havia sido um fator definidor de sua identidade, Ifemelu depara-se com a realidade de que, na América, a raça desempenha um papel central na forma como as pessoas são vistas e tratadas. Esse momento marca um ponto crucial de conscientização, em que ela percebe que ser “negra” nos Estados Unidos não é apenas uma característica física, mas uma construção social carregada de expectativas, estereótipos e opressões. A surpresa de Ifemelu diante dessa categorização revela as complexidades da experiência de imigração e identidade em um país onde as divisões raciais são profundamente enraizadas.

Ela havia se tornado negra na América, e estava surpresa por isso. Antes, não era negra. Apenas uma pessoa. Sua cor não lhe dizia nada. Na Nigéria, ela não pensava em si mesma como negra. Mas aqui, em seu novo país, ela era negra. Porque aqui a raça era importante. Aqui, você vivia sua vida em categorias cuidadosamente escolhidas. (Adichie, 2013, p. 175)

Essa citação sintetiza a complexa jornada de autodescoberta de Ifemelu e a forma como o contexto social molda a identidade. Ao reconhecer como a raça é construída e imposta na América, Ifemelu adquire uma nova compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor. Esse despertar não apenas a empodera, mas também a capacita a questionar e resistir às categorias limitantes impostas pela sociedade. A partir desse ponto, Ifemelu passa a construir uma narrativa própria, desafiando as convenções e reivindicando sua individualidade em meio às expectativas raciais que a cercam.

Embora suas abordagens e contextos sejam distintos, as obras de Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie convergem em seu compromisso com a justiça social, a igualdade de gênero e a valorização das experiências das mulheres, especialmente as negras. Ambas autoras utilizam suas narrativas para denunciar as opressões estruturais e culturais que afetam essas mulheres, ao mesmo tempo em que celebram sua resistência e resiliência. As personagens que criam enfrentam desigualdades de raça e gênero, revelando a importância da ancestralidade, da memória e da representatividade como fontes de força. Suas obras, além de enriquecer o movimento feminista contemporâneo, fornecem novos horizontes para entender como o empoderamento é construído, nutrido e transmitido. A literatura, nesse sentido, se torna uma ferramenta vital na construção de um futuro mais justo e inclusivo, onde todas as mulheres, independentemente de raça, classe ou origem, possam se reconhecer, se empoderar e transformar o mundo ao seu redor.

As obras “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Americanah”, de Chimamanda Ngozi Adichie, oferecem perspectivas complementares e contrastantes sobre as vivências de mulheres negras em contextos culturais e históricos distintos. Enquanto Evaristo explora as marcas deixadas pela colonização e escravidão no Brasil, Adichie foca na diáspora africana, destacando as complexidades da identidade negra em um contexto migratório, especialmente entre a Nigéria e os Estados Unidos. Essas abordagens refletem as realidades socioculturais específicas de Brasil e Nigéria e as diferentes trajetórias literárias das autoras, mas ambas convergem ao oferecer narrativas poderosas de empoderamento, resistência e identidade feminina.

Em “Olhos d’Água”, Evaristo enfatiza a importância das relações familiares e a transmissão de sabedoria entre gerações, reforçando a força comunitária e a ancestralidade como pilares da resistência das mulheres negras brasileiras. O livro explora as cicatrizes do passado escravocrata e colonial, mostrando como essas marcas ainda moldam as experiências sociais e econômicas da população negra no Brasil. A linguagem lírica e poética da autora, que incorpora elementos de oralidade e tradição afro-brasileira, cria uma atmosfera intimista e reflexiva, que dá voz às experiências cotidianas de dor e resiliência.

Já em “Americanah”, Adichie aborda as relações interpessoais em um cenário multicultural, explorando os desafios de gênero, raça e classe em uma perspectiva global. A obra investiga as transformações que a protagonista, Ifemelu, vivencia ao migrar da Nigéria para os Estados Unidos, confrontando-se com uma realidade em que a raça adquire uma centralidade que não possuía em seu país de origem. Nesse contexto, Adichie combina crítica social incisiva com humor, questionando normas americanas e ressaltando as tensões da vida na diáspora. A narrativa mais direta e contemporânea oferece uma visão crítica das complexas expectativas sociais e das nuances do amor e da identidade em um mundo marcado pela migração.

Essas divergências narrativas e estilísticas não apenas enriquecem a compreensão das múltiplas formas de opressão enfrentadas por mulheres negras, mas também demonstram como diferentes contextos culturais e históricos podem moldar as experiências de empoderamento. Enquanto “Olhos d’Água” destaca a força da comunidade e da ancestralidade em um Brasil pós-colonial, “Americanah” revela os desafios de navegar entre diferentes mundos, onde questões de raça, classe e identidade sexual se entrelaçam. Assim, ambas as obras, com suas perspectivas únicas, oferecem uma contribuição valiosa para o entendimento das complexidades da identidade negra e feminina no cenário literário contemporâneo.

4.1 Literatura e ensino

Tanto Evaristo quanto Chimamanda possuem obras inspiradoras que podem e devem ser apresentadas nas escolas, pois têm uma linguagem acessível e retratam histórias reais sobre o cotidiano das mulheres. Isso contribui para o ensino sobre os preconceitos e a discriminação enfrentados pelos negros, especialmente pelas mulheres, nos dias de hoje. De maneira lenta, mas gradualmente positiva, a educação está deixando de ser um espaço que perpetua privilégios e se transformando em um ambiente que promove a igualdade e o respeito às diversidades. As estruturas racistas, machistas, homofóbicas e classistas, reforçadas tanto pela escola quanto pela sociedade, estão sendo questionadas.

As escritoras Chimamanda e Conceição Evaristo são amplamente reconhecidas por suas produções literárias e pela forma como despertam sentimentos em seus leitores. Embora seja ficção, suas escritas, se baseiam em suas experiências pessoais, históricas e ancestrais, como mulher negra, filha, mãe e alguém que vivenciou a privação material. Seus relatos não descrevem exatamente o que elas vivenciaram, mas refletem as experiências que poderia ter tido, além de relatar as vivências de mulheres, homens e crianças em situações sociais e identitárias semelhantes às dela.

Assim, oferecer aos alunos acesso às obras de Evaristo e Chimamanda é uma prática que une dois elementos importantes: o estímulo à leitura literária, previsto no currículo escolar e enfatizado pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), e o debate necessário sobre o passado e o futuro da nossa sociedade. A escritora Adichie, em uma de suas reflexões, afirma que “o problema com os estereótipos não é que sejam falsos, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Dessa forma, ao permitir que uma visão mais ampla sobre a experiência de grande parte da população brasileira seja abordada na educação, a partir do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) de 2018, três livros de Evaristo foram indicados como leituras para estudantes do Ensino Médio em todas as escolas públicas do Brasil, entre eles a coletânea de contos “Olhos d’água.” O manual voltado para professores sobre este título aborda tanto a reflexão

e discussão sobre problemas sociais que afetam a comunidade negra, quanto atividades que apresentam aspectos importantes da cultura negra, muitas vezes desconhecidos pelos alunos. A inclusão de “Americanah” no ambiente escolar permite que os estudantes reflitam sobre preconceitos e discriminação de uma perspectiva global, ampliando a compreensão das relações interpessoais e da formação identitária em um mundo cada vez mais conectadas.

Considerações finais

A análise das obras de Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie permite reconhecer a literatura feminista como um espaço essencial de resistência e visibilidade para as mulheres negras, cujas experiências históricas de opressão muitas vezes foram silenciadas ou ignoradas. Ambas as autoras utilizam suas narrativas para explorar as complexas intersecções de raça, gênero e classe, abrindo caminhos para debates sobre identidade, pertencimento e igualdade. Enquanto Evaristo revela as vivências da mulher negra no Brasil através de uma linguagem poética e intimista, Adichie questiona as normatividades raciais e culturais do Ocidente, especialmente em seu retrato da diáspora africana.

O estudo comparativo destaca não apenas as particularidades culturais e históricas de cada contexto, mas também os pontos de convergência que unem as lutas das mulheres em diversas partes do mundo. Evaristo e Adichie, em suas obras, reafirmam a importância da memória e da ancestralidade como fontes de força e empoderamento, ampliando a presença de vozes femininas negras na literatura contemporânea. Dessa forma, a literatura feminista transcende o âmbito artístico, tornando-se uma ferramenta de transformação social que incentiva reflexões sobre justiça social, igualdade e inclusão.

Portanto, a literatura feminista no século XXI, representada por autoras como Evaristo e Adichie, fortalece a construção de um discurso plural, questionando estruturas de poder e propondo novas perspectivas de liberdade e dignidade para as mulheres negras. Suas contribuições, além de enriquecerem o cenário literário, desafiam leitores a repensarem preconceitos e a valorizarem a diversidade de experiências que compõem a sociedade global.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

ADICHIE, Ngozi. Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%20Sejamos-Todos-Feministas.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics**.” University of Chicago Legal Forum, vol. 1989, nº. 1, 1989, pp. 139-167.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GILMAN, P. et al. **Mulheres em cena: Uma análise de gênero em “The Yellow Wallpaper” de Charlotte.** [s.l: s.n.]. Disponível em: https://letras.ufv.br/wp_content/uploads/2023/05/TCC-Aline-Santos-artigo.pdf Acesso em: 10 nov. 2024. Acesso em: 10 Nov. 2024f.

JEANINE, C.; ZINANI, A. **CRÍTICA FEMINISTA: Uma contribuição para a história da literatura.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivres/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2024.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4671119/mod_resource/content/0/Um%20Teto%20Todo%20Seu%20-%20Virginia%20Woolf.pdf. Acesso em: 04 nov. 2024.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos da mulher.** [s.l.] Boitempo Editorial, 2017.